

PREFÁCIO

Trabalhar com o autor deste livro, durante o corrente ano académico e ano transacto, na disciplina "Socioantropologia do Desenvolvimento e da Cultura" (do terceiro ano da Licenciatura de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto) tem sido um prazer e um estímulo intelectual significativo. A sua formação em Filosofia, aliada a vários anos de trabalho como músico e pessoa ligada ao teatro infantil e como professor (de Filosofia) do Ensino Secundário, e, mais recentemente, a sua formação, ao nível do Mestrado, em Ciências da Educação (através da especialização Educação, Desenvolvimento e Mudança Social da Faculdade acima referida), apetrecharam-no soberba e diversificadamente para uma reflexão aprofundada e criativa sobre "a escola na transição pós-moderna".

De facto, este é um dos primeiros trabalhos em Portugal a colocar a questão da relação entre a escola para todos, cujo desenvolvimento constitui uma das promessas mais proclamadas do projecto de Modernidade, e a chamada pós-Modernidade. Como sublinha António Magalhães na primeira parte do livro, a abordagem desta relação obriga-nos a perguntar, por um lado, qual a natureza da época em que vivemos, isto é, quais as suas características sócio-culturais e económicas mais salientes, e, por outro, qual o futuro da escola oficial, obrigatória, gratuita e laica. Inevitavelmente, as respostas a estas perguntas passam por uma análise não só do fenómeno de globalização e da sua relação com o desenvolvimento do projecto de Modernidade, como ainda da especificidade da sociedade portuguesa enquanto espaço de realização de mudança social. Esta análise — expressa pelo autor, na esteira do sociólogo B. Sousa Santos, como a "dialéctica entre o possível e o desejável" — é feita nas 2^a e 3^a partes da obra, sendo preocupação primeira do autor pensar a *não impossibilidade de um mandato democrático para a escola portuguesa* e, ainda, como desenvol-

ver a *pragmática e credível possibilidade de um mandato democrático* para essa mesma escola.

Assim, o objectivo da análise de António Magalhães é duplo: por um lado, esclarecer as implicações da condição pós-moderna para a educação escolar; por outro, tornar a especificidade portuguesa numa mais valia face à questão de mudança social. A concretização desse objectivo baseia-se na exploração, fundamentação (socio-filosófica) e potenciação dos contributos de alguns trabalhos sobre a escola democrática em Portugal. Central a esta tarefa é a crítica feita pelo autor na base, por exemplo, de trabalho realizado por José Reis, ao "etapismo". O antropólogo francês, Marc Augé¹, sintetiza da seguinte forma essa crítica: "A ideia do progresso, que implicava que o depois era explicável em função do antes, afundou-se, de certo modo, nos recifes do século XX, como o fim das esperanças ou ilusões que tinham acompanhado a travessia do século XIX" (1994: 31-32).

A análise de António Magalhães enfatiza ainda o que ele denomina o "dimensionamento das possibilidades de agência dos actores sociais envolvidos na relação educativa" (ver p. 110). Por outras palavras, o autor embarca numa viagem que tem como meta teorizar a mudança social não através de grandes narrativas que se reproduzem em estruturas que (pre)determinam os destinos, que "veiculam apenas um sentido possível para a Escola", mas, em vez disso, através de uma "práxis, enquanto agência assumidamente política" que se apresenta, numa perspectiva emancipatória, como uma "duplicidade táctico-estratégica" capaz de "transcodificar o pré-moderno e o moderno em pós-moderno". Como resultado, e repescando um conceito abordado pelo autor, "a simultânea crise e consolidação da escola para todos" (cf. Stoer e Araújo, 1992)² tanto pode ser a *consolidação* da massificação da escola e a *crise* da escola de massas (isto é, da escola democrática) como pode ser, e esse foi o significado que lhe atribuímos, a *crise* da escola massificada e a *consolidação* da escola democrática. Assim, outro sentido para a escola, construído na base da acção sócio-pedagógica dos agentes educativos, torna-se *possível-desejável*.

Eis um livro de leitura estimulante e que deixa lugar a interpelações que favorecem um debate continuado.

Porto, 14 de Abril de 1998

Steve Stoer

(1) - Augé, M. (1994). *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand.
 (2) - Stoer, S. R. e Araújo, H. C. (1992). *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (Semi)periferia europeia*. Lisboa: Edições Escher.